
Entrevista de Domingo

Matéria publicada em 17/04/11

Nelson Albissú

Quando o destino entra em cena

O homem formado em Administração de Empresas e em Direito foi guiado, naturalmente, para o teatro e acabou se apaixonando pela área cultural

Jamile Santana Da reportagem local



Perfil

Nome: Nelson Albissú

Idade: 62 anos

Profissão: Programador cultural da Secretaria Municipal de Cultura e professor universitário

Formação: Administração de Empresas, Direito e Mestrado em Artes Cênicas

Estado civil: Casado

Por que Mogi?: "Aqui, nasceram filhos, netos e obras. Finquei minhas raízes aqui"

Pensamento: "Todo ser humano tem de seguir sua vocação e essa vocação é ser feliz"

Quem diria que Nelson Albissú, aquele cara gente boa formado em Administração de Empresas e em Direito, que trabalhou por 25 anos na indústria e que é filho de pais analfabetos, seria um exímio escritor da literatura infantil? Já são 46 títulos publicados, todos que levam ao leitor, além do enredo romântico e fantasioso, uma preocupação contemporânea.

Quem diria também que ele, nascido em São Paulo e criado em Santo André, viria para Mogi das Cruzes a trabalho em 1982 e aqui fincaria suas raízes. Na infância, nunca participou de uma peça de teatro sequer, mas hoje já possui 18 roteiros escritos, um deles, o "Se tivéssemos tempo", está há 26 anos em cartaz.

Amanhã, ele comemora o Dia do Livro Infantil e se prepara para lançar em maio um romance infanto-juvenil sobre bullying. Também em maio, vai comemorar os 30 anos do Teatro da Universidade de Mogi das Cruzes (Tumc) com uma peça em que estreia

como compositor das melodias de Toninho Ferreira.

Nesta entrevista, Albissú falou, entre outras coisas, sobre as evoluções culturais na cidade e a falta de espaço que tinha durante a gestão de Denerjânio Tavares de Lyra e do falecido prefeito Waldemar Costa Filho. Hoje, programador cultural da Prefeitura, trabalha pelas suas paixões incondicionais: teatro e literatura.

Mogi News: você trabalhou 25 anos no setor industrial. Como acabou se envolvendo com o meio cultural?

Nelson Albissú: Vim para Mogi por questão de trabalho aos 26 anos de idade. Na indústria, sempre que alguém precisava escrever uma coisa mais floreada, mais elaborada, sobrava para mim. Comecei a trabalhar no Grupo de Administradores de Pessoal (GAP) e resolveram fazer um jornalzinho. Eu sempre tinha de escrever. Foi quando comecei. Em 1984, a Secretaria de Cultura de Mogi fez um concurso e eu ganhei em primeiro lugar na categoria poesia e em segundo em prosa. Quando fui receber o prêmio das mãos de Clarisse Jorge (atriz), a vi ensaiando uma peça de teatro. Conclusão, em 1987, lá estava eu, fazendo Mestrado em teatro. Mas, até então, eu nunca havia pensado em seguir esse ramo de cultura. Nunca tinha nem participado de um teatrinho na escola. Foi Mogi que me transformou.

MN: Na época em que começou no setor de cultura, como era o engajamento dos artistas?

Albissú: O mundo era outro. Na época, não existia computador, Internet e a própria televisão não tinha uma programação tão interessante. Os grupos tinham mais vida em comum do que têm hoje.

MN: O público também era mais participativo?

Albissú: Acho que hoje o público é maior. O Teatro Vasques trabalha 26 dias por mês, com a exceção das segundas-feiras. São 33 espetáculos em média e 58 sessões. Para isso, tem grupo que faz cinco sessões por dia. Então, hoje, o público de teatro é muito forte. Tem mais participação das escolas também. O Piririm-Pimpim não tem vaga até 2012 de plateia, tudo lotado.

MN: Você está trabalhando em novas obras?

Albissú: Estou escrevendo uma a partir de uma pesquisa profunda sobre lixo. Mas em maio vai ser publicado um livro sobre bullying. É um romance direcionado ao público do ensino médio.

MN: Como era a área da cultura em Mogi das Cruzes na época da gestão do então prefeito Waldemar Costa Filho?

Albissú: Era mais difícil do que é hoje. A partir do Junji (Abe - prefeito de Mogi de 2001 a 2008), houve uma reconsideração da cultura e hoje a gente vê a área não só feita pela secretaria, mas pela população. Até por meio da implantação do período integral nas escolas municipais, por exemplo. As crianças estão tendo aula de teatro, de música, de dança e isso é cultura. Hoje, eu acho que a cidade respira cultura muito mais do que naquela época.

MN: Você chegou a trabalhar com o autor Denerjano Tavares de Lyra?

Albissú: Não. Mas o Dener foi a pessoa que mais me ajudou, porque ele não dava o mínimo espaço para mim em Mogi e isso me obrigou a buscar espaço em Santos, onde trabalho há 24 anos. Dou aula nas escolas da lá. Por causa dele, fui estudar na Universidade de São Paulo (USP), então, não tive essa relação com ele. A época dele era a que eu, particularmente, não aprovava, porque era uma mistura de cultura com social. Eles falavam "vamos fazer uma apresentação para recolher pijamas para os idosos", ou então "este projeto tem o nome da mãe do Dener". Ficava um ego muito forte voltado para o Dener. A cultura não é social. Então, eu acho que na época ele trabalhava com critério de coronel.

MN: Qual é a sua relação com a cultura hoje?

Albissú: Eu gosto muito do que eu faço. Eu gosto de cultura, respiro cultura, me esforço por cultura, estudo cultura, sou um pesquisador de cultura. Não só o teatro, não é só a literatura, que é por onde eu extravaso minhas pesquisas, mas a cultura municipal, a dança. Eu tenho uma parte do meu tempo para estudar cultura.

MN: Você estreou no Teatro Experimental Mogiano (TEM)?

Albissú: Sim, mas eu nunca fiz uma filiação a um grupo. Como ator, eu tenho dois trabalhos só e o TEM fez meu primeiro texto encenado, que se chamava "A última estação", que depois mudou para "Se tivéssemos tempo". O próximo espetáculo foi o "Transparência". Mas na época as pessoas se fechavam muito em grupos. Nenhum grupo se dava com o outro, então eu, no segundo trabalho, já rompi com isso e fiz um grupo de várias pessoas. Eu nunca fiz parte, oficialmente, do Tumc, por exemplo. Mas eu sempre fui lá. Agora, nos 30 anos de Tumc, escrevi um espetáculo em que estou estreando também como compositor. É uma apresentação de circo, teatro e música.

MN: Como é lecionar arte? O sucesso das aulas depende mais da vocação artística dos estudantes?

Albissú: É difícil, porque uma coisa é a gente saber, outra é saber transmitir. Eu digo que meus mestres sabiam muito mais sobre arte do que eu sei e meus alunos estão

bem longe de saber tudo aquilo que eu gostaria que eles soubessem. Na minha época, um mestrado durava sete anos. Hoje, se faz um mestrado em um ano e meio. Aquelas pessoas que tinham um grande envolvimento com a cultura, estas sabiam mais. Acho que as pessoas estão muito preocupadas com o resultado, mas não procuram saber o que é a arte nem encará-la como instrumento de salvação.

MN: Falamos sobre a peça "Se tivéssemos tempo", em cartaz há 26 anos. Defender os idosos é uma preocupação?

Albissú: Com certeza. Grande parte das minhas obras é voltada para os idosos, tanto no teatro quanto na literatura infantil.